



Um romance do silêncio

Everton Vinicius de Santa¹

Resenha de :

TEZZA, C. **Um erro emocional**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

A literatura contemporânea, essa dos anos de 1990 até hoje, é pautada no fragmento, aquele do homem, do ser, da vida, da memória, que na verdade, se constitui aos pedaços. Essa mesma literatura, dita contemporânea porque do nosso presente, pode se desmembrar por vários caminhos temáticos, estruturais, estilísticos e ideológicos e evidenciam quase sempre uma escrita que fala sobre um “eu”, evidente quando nos deparamos com autobiografias e narrativas tecidas por meio da memória, do ato de rememorar, como em *Heranças* (2008), de Silviano Santiago, *Leite Derramado* (2009), de Chico Buarque, *Cidade Livre* (2010), de João Almino, *Diário da Queda* (2011), de Michel Laub, e uma série de outros romances permeados por essa necessidade em rememorar.

Cristovão Tezza no romance *Um Erro Emocional* (2010), se pauta nas impressões do “agora”, nas lembranças do “há pouco” e faz um exercício constante de idas e vindas que se caracterizam por elementos fluindo entre as impressões e percepções de Beatriz e Paulo, do “eu” e do “outro”. O leitor assiste de camarote e se perde no meio desse emaranhado jogo de dizeres. O diálogo começa com a inusitada confissão “Cometi um erro emocional. [...] Eu me apaixonei por você” (p. 7) e desenrola um papiro de lembranças sobre as mais variadas situações, da infância aos relacionamentos amorosos atuais, tudo em apenas uma noite, em Curitiba, tempo que envolve uma pizza, vinho, um chá, um café e poucas palavras. Sim, muito poucas.

O romance de quase 200 páginas tem muitos movimentos que transportam, ora Beatriz, leitora, ora Paulo Donetti, escritor, aos seus passados e às suas impressões sobre aquilo que dirão e aquilo que esperam. Logo, o diálogo propriamente dito pouco se lê. Na verdade, muita coisa fica sem ser dita. Há um império do silêncio entre os dois, que se perdem num grau de fruição psicológica próximo do sufocamento e que atinge o leitor.

¹ Mestre em Letras (Estudos Literários); Doutorando no Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade Federal de Santa Catarina; Editor-chefe da revista **Texto Digital**. Integrante do NuPILL – Núcleo de Pesquisas em Informática, Literatura e Linguística. Imeio: evertonrep@yahoo.com.br

A trama é quase uma história de amor, tipicamente contemporânea em sua construção narrativa por se fazer sufocante, fragmentária e, claro, sem surpresas no final. Paulo é escritor, paulista, quarenta e dois anos, já pareceu promissor e virou apenas uma promessa não cumprida. Tempos difíceis para se viver de literatura. Vem de fracassos literários, embora reconhecido, e fracassos pessoais. Vive aqui e ali, ganhando a vida com palestras e pequenas publicações. Lamenta as críticas negativas aos seus livros. Beatriz, curitibana, é bem mais jovem e carrega culpas merecidas e imerecidas, que incluem a morte acidental dos pais e a traição recíproca dela e do ex-marido.

Os dois se conheceram durante um jantar entre Paulo, um amigo e a companheira deste amigo, Beatriz. No dia seguinte, Paulo aparece no apartamento da admiradora com um vinho, uma pasta de textos e uma declaração fria. Ele estava em Curitiba apenas de passagem e resolve ficar mais um pouco na cidade, afinal, apaixonado por Beatriz e tentando aproximar-se de sua admiradora, pede que ela o ajude na revisão de seu novo livro: “Eu preciso – é isso, essa a palavra – eu preciso de uma *leitora*, no sentido pleno da palavra... – Você é melhor leitora que jamais encontrei.” (p. 28, grifos do autor).

Paulo e Beatriz pouco se falam e pouco se tocam. Raramente suas mãos se esbarram aqui e ali, leve, rápido. Essa reticência é expressa pela construção dos personagens que parecem estar na expectativa, rememoram consigo mesmo seu passado, anseiam em compartilhar as lembranças um com o outro, mas essa ânsia fica velada ao seu silêncio. No plano da diegese², Paulo e Beatriz pouco sabem da vida um do outro, já que cabe ao leitor perder-se no meio dos pensamentos dos dois.

Esse movimento de invasão do leitor e de evasão dos personagens se tece por um discurso próximo ao monólogo interior, aquele que habita o (in)consciente dos personagens e confunde as focalizações da narrativa. É um jogo, certamente, que recai sobre o leitor e o leva à cuidadosa tarefa de perceber os níveis pelos quais está percorrendo, se o do texto ou se o dos personagens.

Um erro emocional trata da história de amor entre duas pessoas já carregadas de histórias pessoais e, naturalmente, rondadas por elas. Beatriz perdeu o pai, a mãe e o irmão em um acidente de carro, enquanto empreendiam uma viagem da qual ela foi forçada a não participar em função de uma prova no curso de Letras, ministrada por uma professora rígida. Paulo é um autor reconhecido e guarda no histórico uma miserável inveja do amigo a quem ajudou a lançar o primeiro livro e que depois tomou luz própria.

² A diegese é a realidade própria da narrativa (“mundo ficcional”, “vida fictícia”), à parte da realidade externa de quem lê (o chamado “mundo real”). Ver GENETTE, G. **Narrative Discourse: An Essay in Method**. New York: Cornell University Press, 1980. p.285

Ambos já experimentaram o divórcio e é interessante como o passado se faz presente e recorrente no discurso do agora, afinal, são as memórias que os levam ao passado. Mas que espécie de influência é essa do passado sobre o nosso presente e sobre a nossa vida? Ora, “todo instante presente existe apenas em função de seu passado, aquilo que de fato cria o tempo, o peso da lembrança”, nas palavras de Tezza em entrevista recente³.

No meio dessas lembranças é que o narrador transita entre os diálogos e os pensamentos dos dois personagens. Chega a ser sufocante para quem lê, uma vez que somos levados dos risos, suspiros e olhares, até aos indícios de que se palavras não estão sendo ditas, é certo que elas correm de um lado para outro na mente dos dois. A maior parte das frases é simples, errática, constrangedora para os dois. Os pensamentos são constantemente cortados, atropelados por outros. Momentos marcantes do passado e momentos estáticos do presente revezam-se na trama do discurso indireto-livre. O ponto de vista desloca o leitor o tempo todo de um personagem para outro.

Interessante notar ainda que Paulo Donetti é um personagem escritor (ofício frequente nas narrativas de Tezza), o que confere um tom autoficcional à narrativa de Tezza. Autoficcional uma vez que o “ato da escrita” é parte integrante do enredo e da relação autor-leitor, que é inclusive discutida pelos personagens: “para um escritor a felicidade, pelo menos a dos outros, é a morte do texto” (p. 102). Roland Barthes discute isso:

o leitor é o espaço exato em que se inscrevem, sem que nenhuma se perca, todas as citações de que uma escrita é feita; a unidade de um texto não está na sua origem, mas no seu destino, mas este destino já não pode ser pessoal: o leitor é um homem sem história, sem biografia, sem psicologia; é apenas esse alguém que tem reunidos num mesmo campo todos os traços que constituem o escrito...o nascimento do leitor tem de pagar-se com a morte do Autor. (BARTHES, 2004, p. 5)

Esse “polemizado” texto de Barthes, ao lado do questionamento de Foucault⁴, coloca em xeque a demiúrgica figura clássica do autor do texto literário. A relação entre

³ Entrevista publicada no blogue *Livrada!* em fevereiro de 2011, <http://migre.me/4ISYg>, 03/06/2011.

⁴ Cf. FOUCAULT, M. **O que é um autor?** Lisboa: Vega, 2002.

Beatriz e Paulo vem ao encontro dessa desmistificação da ideia de autor intocável e, por certo, traz à tona essa discussão sobre o distanciamento do autor, do texto e do leitor.

Se antes a figura do autor, de autoridade, era colocada num pedestal, aos poucos essa ideia foi se transformando, e eu nem falo aqui da Estética da Recepção que propõe uma reformulação da historiografia e da interpretação textual, da relação dinâmica autor, obra, leitor, mas sim da relação obra e a escritor empírico, que vem se tornando uma figura cada vez mais sólida e acessível, sobretudo, porque estamos presenciando e interagindo em um mundo informatizado, desterritorializado⁵, móvel⁶.

Beatriz nutria uma admiração pelo autor que lia, mas a figura física do autor que escreve, do escritor, é diferente do narrador que fala, justamente como nos ensina as aulas básicas de Teoria da Narrativa. Ao se conhecerem, ambos entram em um emaranhado jogo que já não está mais na relação da “função-autor” e mais uma vez vem evidenciar a influência (ou necessidade?) dessa exposição midiática e da escrita colaborativa nas práticas atuais de literatura. Há quem diga que a “morte do autor” se concretizou quando os escritos a várias mãos começaram a aparecer nas comunidades do orkut, “grafado oficialmente com minúsculas” (FOGGETTI, 2008, p. 49), ou quando os autores de blogues de ficção pediam aos seus leitores que lhe sugerissem rumos para a história que estava sendo contada, mas essa é uma outra discussão.

Para além das discussões teóricas, o que se acompanha em *Um Erro Emocional* não é meramente o diálogo entre os dois personagens, mas sim uma diluição da vida daquelas duas pessoas. Cada frase, cada entonação e muitas vezes cada palavra que ambos utilizam nesses diálogos traz uma lembrança, um fato, uma marca do passado. Por meio de um diálogo comum, o narrador molda dois personagens bastante profundos, adaptando a linguagem ao fluxo de pensamentos: delirante, lacônico, associativo e, ao mesmo tempo, interrompido o tempo todo.

O que Tezza faz é aliar técnica e estrutura narrativa para manter não só o ritmo, mas também a curiosidade do leitor que aparece no livro quase como Doralice, a amiga ouvinte para quem Beatriz contará a história no dia seguinte. Sobre os personagens, não se sabe de houve culpa, se erros, enfim, talvez Paulo esteja se culpando até agora por ter se apaixonado por Beatriz. Nunca se saberá como essa história terminou, contudo, há lacunas que o escritor, Tezza, ainda não preencheu.

⁵ Termo utilizado por Deleuze em **Mil platôs**, de 1980, e que se faz atual por marcar a chamada sociedade pós-moderna, dominada pela mobilidade, pelos fluxos, pelo “desenraizamento” e pelo hibridismo cultural presente no ciberespaço.

⁶ Cf. WALTY, I. L. C. Mobilidades culturais: o exemplo das revistas alternativas urbanas. **Scripta**, Belo Horizonte, v. 11, n. 20, p. 195-204, jan./jun. 2007. Disponível em: <<http://migre.me/2glvJ>>. Acesso em: 24 mar. 2013.

Bibliografia

BARTHES, R. **O Rumor da Língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FOGGETTI, M. J. Pedacos de Literatura: criação e crítica no orkut. In: CORRÊA, A. A. (Org.). **Ciberespaço**: mistificação e paranóia. Londrina: UEL, 2008. p. 49-59.